PROTAGONISMO FEMININO EM *ANTÍGONA,* DE SÓFOCLES

Ana Flavia Gerhards (PIBIC/UEPG), Jane Kelly de Oliveira (Orientadora), gerhards.ana@gmail.com: janeoliveira77@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem.

Linguística, Letras e Artes; Letras.

Palavras-chave: Literatura Clássica, Tragédia Grega, Representação Feminina.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa desenvolvida entre os anos de 2018 e 2019, que se voltou para o estudo das representações femininas na tragédia grega *Antígona,* escrita pelo tragediógrafo Sófocles no século V a.C. A partir da análise desta tragédia, procurou-se compreender as relações estabelecidas entre a obra ficcional da Antiguidade e as teorias modernas que se voltam para o estudo dos papeis tradicionalmente legados às mulheres. A partir das análises realizadas pode-se perceber uma mudança na forma como estudos recentes voltados para a História das Mulheres analisam o papel da mulher na sociedade ateniense da Antiguidade. Desta forma, personagens femininas como as presentes na tragédia *Antígona,* podem ser tomadas como exemplos de mulheres que não apenas tomavam conhecimento das ações políticas, mas tinham papel ativo em algumas decisões que afetavam a vida pública. Estes estudos nos permitem relativizar o papel anteriormente creditado às mulheres como detentoras do espaço privado, e entendendo-as também como protagonistas dentro do espaço público.

Introdução

De acordo com Pierre Grimal, o teatro antigo se caracteriza como um “complexo fenômeno literário e humano” que se estendeu por um período muito longo (GRIMAL, 1978, p. 10). Assim, podemos afirmar que, entendendo o teatro como um fenômeno humano e social, os estudos de peças teatrais podem ser utilizados para auxiliar na compreensão do funcionamento de sociedades distintas, como por exemplo, a sociedade ateniense do século V a.C. Foi durante este período que as encenações das tragédias tiveram seu ápice na Grécia Antiga, especificamente em Atenas.

A partir da definição apresentada por Aristóteles, podemos entender a tragédia como a representação de uma ação completa, que inspira no público pena e terror (ARISTÓTELES, 1997, p. 24).

Graças a fragmentos, sabe-se da existência de um grande número de dramaturgos, cerca de 50, mas temos peças integrais apenas de três tragediógrafos –Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Dentre as principais tragédias gregas que foram preservadas e chegaram até nós, podemos identificar *Antígona*, escrita por Sófocles.

O enredo do texto teatral de Antígona se detém aos eventos que ocorrem após a morte dos irmãos Etéocles e Polinices, que guerreavam pelo trono tebano. Tendo em vista que Polinices é considerado um traidor de Tebas, Creonte, que toma o poder após a morte dos sobrinhos, lança um decreto proibindo o sepultamento do sobrinho inimigo do estado. Tal decreto gera a revolta de Antígona, irmã de Etéocles e Polinices, que deseja sepultar os dois irmãos conforme a tradição ditava.

Podemos perceber, no enredo de *Antígona,* a construção de uma personagem forte e participativa nas decisões políticas, mesmo que, para fazer isso, precise se opor a figura de Creonte. Neste trabalho, procuramos, a partir da análise dos diálogos presentes na obra, entrever um modelo de prática social feminina um pouco diferente do que foi propagado durante a história.

Material e Métodos

A reflexão que ora propomos parte de uma tragédia, ou seja, um texto ficcional, mas que não deixa de ser reflexo –espelhamento e reflexão –das práticas sociais de um determinado tempo. Para abordar o nosso corpus de análise, a tragédia, *Antígona*, foi importante estudarmos conceitos próprios da análise teatral.

Para Anne Ubersfeld, os personagens podem ser compreendidos como elementos retóricos do texto teatral. Assim, para a autora é impossível analisar um personagem de forma individual, pois este está sempre relacionado com as demais personagens (UBERSFELD, 2005, pp. 75-76).

Estas relações estabelecidas entre as personagens de uma narrativa podem ser melhor compreendidas ao tomarmos como base os estudos apresentados por Fábio Lessa. O autor busca no conceito de Rede Social Informal uma forma de estabelecer uma ligação entre as personagens de comédias encenadas em festivais do século V a.C. em Atenas e o modelo de sociedade que vigorava naquele período.

O autor apresenta, em sua teoria, duas definições para o termo Rede Social Informal. A primeira advém dos argumentos de John Barnes, que aponta como Rede Social o grupo de pessoas que se relacionam entre si de forma direta ou indireta (LESSA, 2004, p. 156). A segunda definição é apresentada a partir de J. C. Giner, que denominou como Rede Social, a dimensão integrada dos vínculos cotidianos que unem as pessoas e ainda o intercâmbio de mensagens, bens e serviços existente entre elas (LESSA, 2004, p. 156).

Assim, para Lessa, a partir do conceito de Rede Social Informal podemos ampliar o papel da mulher na sociedade ateniense do século V a.C. Assim, aquela velha ideia de que a mulher ateniense é reclusa e tem sua presença física limitada ao interior da casa, passa a ser revisada e percebe-se que ela tem uma série de interações com diversos grupos externos ao espaço doméstico (LESSA, 2004, p. 157).

O conceito de Rede Social Informal apresentado por Lessa foi utilizado para a reflexão sobre a construção do papel feminino na sociedade ateniense e sobre a representação que a tragédia *Antígona* apresenta sobre o mesmo.

Resultados e Discussão

A partir da leitura da tragédia *Antígona* e dos demais materiais bibliográficos foi possível estabelecer uma rede de conexões entre a obra ficcional e as teorias modernas das representações femininas, que têm sido objetos de estudos cada vez mais frequentes dentro das Ciências Humanas.

Ao analisarmos a obra percebemos que o conflito principal se dá entre as personagens de Antígona e Creonte, que assumiu o trono de Tebas após a morte dos irmãos da personagem título. Este conflito se dá, segundo Kathrin Rosenfield, nos campos político e religioso; visto que o desejo de Antígona é o de sepultar seu irmão Polinicies de acordo com os rituais religiosos da época; e político, pois, para alcançar seu objetivo, ela precisa desobedecer às ordens dadas pelo novo rei.

A tragédia *Antígona* oferece, deste modo, alguns pontos de debate sobre a posição das mulheres nas peças teatrais encenadas em Atenas e, portanto, ao entendermos

o teatro como representação de uma prática social, nos papeis que as mulheres desempenhavam dentro da sociedade ateniense.

De acordo com Marta Mega Andrade, as mulheres atenienses se aproximavam mais dos estrangeiros e dos escravos do que dos cidadãos. Porém, apesar de não serem consideradas cidadãs e terem sua participação política limitada, não deixavam de se interessar pela vida pública (ANDRADE, 2003, pp. 116-117).

Segundo Andrade, na Grécia Antiga as relações sociais eram perpassadas e moldadas pelos atributos de gênero. Além disso havia uma hegemonia masculina no campo social. Para a autora, no entanto, isto não representa necessariamente uma inferioridade da mulher, mas uma valoração negativa do feminino em grande parte das esferas institucionalizadas da vida social (ANDRADE, 2003, p. 116).

Assim, Andrade propõe uma revisão sobre como o modo de divisão dos espaços era apresentado em estudos anteriores e nos mostra que, apesar de haver uma oposição entre os espaços público e privado, é impossível estabelecer uma divisão total entre eles. A autora esclarece que há uma relação de mediação entre o público e o privado, já que não se pode negar o caráter social das interações ocorridas dentro do espaço privado, muito mais complexas do que as delimitações físicas e que, por vezes, o espaço privado "invadia" o espaço público (ANDRADE, 2002, p. 93).

Ao retomarmos a definição apresentada por Fábio Lessa de Rede Social Informal, que nos permite ampliar a noção anteriormente atribuída aos papeis femininos contemporâneos à tragédia sofocliana, percebemos que a narrativa do tragediógrafo apresenta alguns exemplos da presença feminina no setor político.

Na cena inicial, por exemplo, temos contato com um diálogo entre as irmãs Antígona e Ismênia. As duas se encontram no exterior do palácio, durante a madrugada, como se não quisessem ser descobertas e debatem sobre a morte dos irmãos e sobre o édito proclamado por Creonte. Neste momento as duas demonstram ter um conhecimento político que, em teoria, seria negado às mulheres e que, sugere, portanto, a existência de uma rede de informações não oficial, que permitiu às duas terem acesso aos fatos que se desenrolavam na esfera pública tebana.

Outro exemplo pode ser discutido nas aparições do Coro. Em *Antígona* o Coro é formado por anciãos de Tebas, ou seja, um grupo de homens mais velhos e sábios que têm como objetivo aconselhar o rei Creonte. É perceptível ao leitor que, inicialmente o Coro se mostra contrário a Antígona em seu confronto com Creonte. Porém, no decorrer da narrativa, nos é mostrado que o Coro muda sua postura, tentando interceder por Antígona junto a Creonte. Consequentemente, podemos perceber a partir dessa mudança do Coro que as mulheres, além do interesse pela vida pública, poderiam ser também parte efetiva de decisões políticas.

Ambos os exemplos corroboram com a teoria apresentada por Fábio Lessa e com os estudos apresentados por Marta Mega Andrade e nos permitem ampliar a noção anteriormente atribuída ao papel feminino na Grécia Antiga.

Conclusão/ões

A partir das análises bibliográficas realizadas podemos compreender a importância que o teatro assume como espaço de representação das ideias e dos costumes de uma sociedade. Deste modo, é possível a utilização de seus registros em estudos que buscam estabelecer relações entre as representações teatrais e as práticas sociais vivenciadas por uma comunidade.

ISSN 1676-0093

Ao analisarmos a peça *Antígona,* podemos refletir acerca dos papeis desempenhados pelas mulheres na sociedade ateniense do século V a.C. e quais as representações que elas assumem dentro das encenações teatrais.
As últimas décadas mostraram uma ampliação no estudo da História das Mulheres e, consequentemente, uma melhor percepção sobre os papeis a elas atribuídos nas sociedades antigas, como demostrado por estudiosos como Marta Mega Andrade e Fábio Lessa.
A parir da análise destes estudos, podemos perceber que não é possível estabelecer uma divisão total entre o espaço público como espaço masculino e o espaço privado como espaço feminino dentro da sociedade grega clássica, visto que havia uma permeabilidade entre os espaços físicos e os papeis sociais desempenhados por homens e mulheres.
Como pode ser demonstrado no caso da peça *Antígona,* as mulheres, por meio de uma rede não oficial de informação, tomavam conhecimento de fatos políticos e compartilhavam demais interações sociais e religiosas com a comunidade que as cercava. Portanto, não viviam de forma restrita no espaço privado.
A personagem Antígona, presente na peça homônima, pode ser tomada como um exemplo da existência dessa relação das mulheres com a vida pública, ao pensarmos que ela assume um papel de protagonismo nas ações políticas que se desenrolam no decorrer da narrativa, adotando uma linguagem autoritária que lhe permite desafiar não apenas a figura de Creonte, mas de toda a estrutura patriarcal que envolve a sociedade retratada na peça.

Agradecimentos
Agradeço, primeiramente, aos meus pais por todo o incentivo e força.
À professora Jane Kelly de Oliveira, pela orientação, incentivo e apoio durante a realização da pesquisa.
À UEPG, pelo financiamento viabilizado para que a pesquisa se desenvolvesse.

Referências
ANDRADE, Marta Mega de. A “Cidade das Mulheres” A Questão Feminina e a Pólis Revisitada. In: FUNARI, Pedro Paulo A; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da. **Amor, Desejo e Poder na Antiguidade:** Relações de Gênero e Representações do Feminino. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. pp. 115-147.

_____. **A Vida Comum:** Espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

ARISTÓTELES. **A Poética Clássica.** Tradução de Jaime Bruna. 7ª Edição. São Paulo: Cultrix, 1997.

GRIMAL, Pierre. **O Teatro Antigo.** Lisboa: Edições 70, 1978.

LESSA, Fabio de Souza. **O Feminino em Atenas.** Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

ROSENFIELD, Kathrin. **Sófocles e Antígona.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

UBERSFELD, Anne. **Para ler o teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2005.